

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Concertos Comentados
Domingo, 11h00
Terça e Quarta, 11h00 e 14h30
Pequeno Auditório
M/6

12, 14 e 15
maio 2024

Camerata Alma Mater

O Carnaval dos Animais

de Saint-Saëns

CCB

Camille Saint-Saëns (1835–1921)

O Carnaval dos Animais

Introdução e Marcha Real do Leão

Galinhas e Galos

Mulas

Tartarugas

O Elefante

Cangurus

Aquário

Personagens de orelhas compridas

O cuco nas profundezas dos bosques

Pássaros

Pianistas

Fosséis

O Cisne

Final

Piano Francisco Cabrita

Piano Paulo Oliveira

Camerata Alma Mater

Violinos Vítor Vieira, Ana Filipa Serrão

Viola d'arco Jorge Alves

Violoncelo Teresa Valente Pereira

Contrabaixo Margarida Ferreira

Flauta Janete Santos

Clarinete Jorge Camacho

Percussão Marco Fernandes

Desenho em tempo real **JAS**

Concerto comentado e narrado por **Beatriz Brás**

O Carnaval dos Animais

O Carnaval dos Animais é uma obra instrumental que foi composta por Camille Saint-Saëns em 1886 com o suposto propósito de entreter alguns amigos numa Terça-Feira de Carnaval. Não se estranha, por isso, os apontamentos burlescos que a atravessam. A música ilustra uma série de animais, tais como galinhas, cangurus, fósseis... pianistas?! Trata-se, portanto, de uma verdadeira sátira musical.

Em grande medida, *O Carnaval dos Animais* é um exercício de estilo (ou estilos), por parte de Saint-Saëns. Tudo terá tido origem duas décadas antes, quando ensinava na École Niedermeyer, no coração de Paris, onde tinha como alunos Gabriel Fauré e André Messager. Nessas aulas havia lugar a improvisações ao piano muito bem-humoradas. Em jeito de caricaturas musicais, o professor ilustrava o estilo de escrita dos mais diferentes compositores. Vinte anos mais tarde, a «brincadeira» resultou nesta encantadora «fantasia musical zoológica» em que as tartarugas dançam lentamente ao som do *cancan* mais lento de que há memória; neste caso a manipulação de uma música de Jacques Offenbach, um dos mais populares compositores de opereta do século XIX. Os elefantes movimentam-se ao som de um muito transformado *Minueto* de Hector Berlioz. E os exemplos sucedem-se, com acentuado tom trocista. A tal ponto que o próprio compositor preferiu não autorizar a execução pública da obra, pois queria manter o estatuto de compositor sério que havia conquistado. Só a leitura do seu testamento, já no final de 1921, permitiu que voltasse a ser tocada. Curiosamente, logo se tornou na sua composição mais popular.

Recuando agora até janeiro de 1886, Camille Saint-Saëns fazia uma digressão pela Alemanha, da qual se esperava grande aclamação. Porém, à passagem por Berlim enfrentou uma forte contestação. O seu (novo) *Concerto para Piano n.º 4* era rejeitado, não porque a música não fosse apreciada, mas porque o músico tinha anteriormente tomado partido numa querela que visava impedir a representação de *Lohengrin*, de Richard Wagner, em Paris. Seguiu

então viagem, terminando com um período de férias numa pequena localidade próxima de Viena. Foi aí que compôs *O Carnaval dos Animais*. Trata-se de uma suíte de 14 pequenas peças que, na vez de danças, evocam animais. A mais conhecida é *O Cisne*, a única que Saint-Saëns permitiu ser tocada em público durante a sua vida e que se tornou presença obrigatória no repertório de qualquer violoncelista. Foi originalmente pensada para ser tocada por Charles-Joseph Leboeuf, o violoncelista que promoveu e organizou aquele sarau de 9 de março de 1886. *O Cisne* viria a ser coreografada em dezembro de 1907 por Mikhail Fokine em São Petersburgo, tendo como bailarina Anna Pawlowa.

Entre todas, há mais três peças que se destacam como pilares estruturantes da obra: *Introdução e Marcha Real do Leão*, *Aquário* e *Final*. A instrumentação, invulgar — flauta, clarinete, jogo de sinos, xilofone, dois pianos, dois violinos, viola d'arco, violoncelo, contrabaixo —, é diferente para cada uma das peças. Juntam-se todos somente no *Final*, pelo que é uma ótima maneira de ficar a conhecer melhor cada um deles. Não por acaso, é uma obra frequentemente tocada em programas de caráter didático. Costuma também ser alternada com a declamação de textos que fazem alusão aos animais em questão. O mais conhecido foi escrito no final da década de 1960 pelo humorista Francis Blanche. Mas existem outros.

Rui Campos Leitão

Texto gentilmente cedido pela Metropolitana



Francisco Cabrita © Clara Cabrita



Paulo Oliveira © Tommaso Tuzi



Beatriz Brás © Filipe Ferreira

Francisco Cabrita

Piano

Nascido em Lisboa em 2002, Francisco Cabrita começou as aulas de piano aos sete anos com Alla Litkovets. Ingressou, em 2012, na Academia de Amadores de Música, onde estudou com Ana Marques e, em 2017, no Conservatório Nacional, na classe de Hélder Entrudo. Licenciou-se em piano para acompanhamento e música de câmara na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde trabalhou com Paulo Oliveira. Recebeu o primeiro prémio de vários concursos em Portugal e no estrangeiro, entre eles o Concurso Internacional Paços Premium 2022, o Concurso Orchestra Ferruccio Busoni Agenzia Promusica 2022 (Itália) e o Concurso Internacional Luigi Cerritelli 2022 (Itália). Teve oportunidade de trabalhar em contexto de *masterclass* com António Victorino d'Almeida, Vladimir Viardo e Cristina Ortiz, entre outros, e tem-se apresentado em recitais por todo o país e no estrangeiro. Integra, desde janeiro de 2022, o *ensemble* de música eletroacústica Sond'Ar-te Electric Ensemble.

Paulo Oliveira

Piano

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, doutorou-se com distinção na Universidade do Kansas, nos EUA, onde foi aluno de Sequeira Costa durante quase uma década. Estudou ainda com Tania Achot, Helena Sá e Costa, Luiz de Moura Castro, Andrei Diev,

Vladimir Viardo, Vitaly Margulis, Aldo Ciccolini, Paul Badura-Skoda e Dmitri Bashkurov.

Premiado em vários concursos nacionais e internacionais, apresentou-se a solo, com orquestra e em música de câmara em vários continentes e gravou para várias rádios europeias e americanas. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica da Universidade do Kansas, com a Orquestra Clássica de Espinho, com a Orquestra do Algarve, com a Orquestra do Norte, com Orquestra Metropolitana de Lisboa e com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direção dos maestros Nicholas Uljanov, Steven McDonald, Pedro Neves, Ferreira Lobo, Cesário Costa, Jean-Marc Burfin e Daniel Klajner.

É regularmente convidado a orientar *masterclasses* no país e no estrangeiro e tem integrado vários júris de concursos nacionais e internacionais. Lecionou no Instituto Piaget e no Conservatório Nacional. Atualmente, integra o corpo docente da Academia de Música de Santa Cecília e da Academia Nacional Superior de Orquestra I Metropolitana.

O seu disco *Iberian Impressions*, lançado pela Odradek Records, tem merecido rasgados elogios pela crítica especializada. É ainda professor na Universidade de Aveiro.

Beatriz Brás

Comentários e narração

Nasceu em 1993, em Lisboa. Licenciou-se em Teatro e concluiu o mestrado em Artes Performativas na Escola Superior de Teatro e Cinema. É membro fundador da companhia

teatral auéééu, na qual é cocriadora e intérprete desde 2014. Integrou o elenco de *Sopro*, de Tiago Rodrigues (Festival d'Avignon), tendo seguido na sua digressão internacional. Para além de várias curtas-metragens, em 2018 participou no filme *A Herdade*, de Tiago Guedes (prémio Novo Talento 2020 pela GDA). Trabalhou com encenadores como Jean Paul Bucchieri e Cristina Carvalhal, estando, desde 2021, numa intensa digressão internacional com o espetáculo *Na Medida do Impossível*, de Tiago Rodrigues. Em 2023, é cocriadora e atriz no espetáculo infantil *Uma Outra Bela Adormecida*, no LU.CA – Teatro Luís de Camões.

Camerata Alma Mater

Com um olhar único sobre o repertório para cordas, a Camerata Alma Mater propõe a dinamização e o desenvolvimento da música existente no seio da mesma família de instrumentos: as cordas. A amplitude do projecto abrange os vários períodos da história da música, tornando relevante a produção musical atual. Na base da sua criação persiste a ideia do estímulo da tradição dos instrumentos de arco, que no nosso país ainda é pequena, contudo em grande crescimento. Pretende também a criação de um íman entre o público e a música, apostando na qualidade e profundidade da nova geração de instrumentistas, através da qual dá a conhecer a essência e a alma do agrupamento de cordas.

Fundada recentemente, a camerata de cordas Alma Mater é constituída por jovens talentos portugueses, já com grande distinção no panorama

musical nacional e internacional, criando um conjunto camerístico de grande coesão musical. Os elementos que integram este *ensemble* são vencedores de várias edições do Prémio Jovens Músicos, assim como distinguidos com prémios em concursos internacionais. Nos seus currículos contam-se lugares de destaque, entre os quais chefes de naipe de orquestras profissionais, residências artísticas, e atividade camerística regular e de grande relevo.

A Camerata Alma Mater conta ainda com prestigiados pedagogos destes jovens talentos, que mantêm ainda uma carreira artística inconfundível.

A camerata é dirigida por Pedro Neves, maestro com uma maturidade e veracidade interpretativa notável. Visível no panorama musical é ainda a sua experiência alargada, tanto como violoncelista, professor e maestro.

Tendo-se já apresentado em concerto na abertura do festival Música nos Açores, a Camerata Alma Mater conquistou por parte do público e da crítica uma aceitação e elogio extremamente positivo.

A Alma Mater ambiciona a possibilidade de continuação deste projeto de grande profissionalismo, podendo assim abordar repertório e sonoridades de uma formação pouco desenvolvida no nosso país. Tornar a música a mãe do conhecimento artístico é o objetivo da Camerata Alma Mater.

JÁ A SEGUIR
CONCERTOS COMENTADOS
2 JUNHO 2024

André Baleiro, Ana Ferro e José Brandão
Cantos Sefardins e outros...

Este programa destaca os *Doze Cantos Sefardins* de Fernando Lopes-Graça, baseados em cantos apresentados por Michel Giacometti. O interesse do compositor pela música judaica hispano-portuguesa é intrigante. Pouco conhecidas pelo público português até recentemente, estas canções para voz e piano, algumas orquestradas em 1971, revelam a habilidade pianística de Lopes-Graça. Além disso, o programa inclui obras de Milhaud e Bernstein, terminando com os cantos hebraicos de Lord Byron, que demonstram empatia pela causa judaica. Byron reinventa textos bíblicos, desafiando normas e provocando sensibilidades religiosas com a sua sensualidade velada.

Concerto comentado por **Paulo Ferreira de Castro**

Domingo, 11h00
Pequeno Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

